

O Oráculo de Gutenberg:

Teoria, prática discursiva, escrita e oralidade

Resumo

Pretendo equacionar o fenómeno da escrita, não apenas tipográfico, como forma de perpetuar a relação do homem com o tempo, e de perpetuar relações sob a forma de uma intergeracionalidade, de celebrar a vida. Na relação entre escrita e oralidade haverá oposição? Ponderemos a relação entre teoria e prática: é a escrita um “meio” eminentemente teórico? A oralidade é meramente discursiva ou cria realidades? O que é a prática, a praticidade? Como se explica e identifica a passagem da prática à teoria e vice-versa? Quem, na história, faz a passagem do popular para o erudito, em termos de ferramentas teóricas? Que faz a passagem é o discurso, a oralidade, seja popular seja erudita. O homem do século que só fala nos termos do presente da sua lógica, que não o é porque não é reflexiva, não põe em causa Deus, o Ego, o Mundo?

1. A ESCRITA COMO INSCRIÇÃO

A noção de que o discurso altera a realidade, a identidade. Isso tem de ser alterado? Por mor de quem? Do controle burocrático do destino e do quotidiano dos sujeitos? Controlar os dinheiros e as formas de o sujeito os obter é uma forma de condicionar a liberdade e a sua felicidade, pois só o dinheiro permite realizar objetivos e conferir felicidade. Contudo, o homem pode ser livre sem dinheiro, mas só depois de ter sido escravo. Muitos julgam-se livres mas estão escravizados ante a realidade virtual, essa felicidade é virtual. Sá a ideia do homem enquanto pesquisador, solto no mundo, lhe pode trazer felicidade, porque assume o risco e vê a vida como aventura, como qualquer coisa que não tem tento certo. O misto das duas é talvez qualquer coisa de novo no evoluir do homem no tempo. O meio discursivo altera a realidade, o meio. Sim, o meio, a realidade, é apenas uma forma de lidar com qualquer coisa que é um pouco de nós, do que somos feito, e um pouco do que está para além de nós, para o qual em certa medida caminhamos, seja o transcendente seja o tempo-aí, na disposição de Ser disposicional, evoluir na realidade, social ou ambiental. Defendo que não há diferença essencial entre o discurso e a ação, não só porque o discurso seja ação, mas porque a ação é também e sobremaneira discurso, ou seja, teatrealização da relação do homem com o mundo e com os outros. Podemos fazer equivaler teoria a discurso (pensar) e ação a prática? Dependenda das culturas, depende dos grupos, depende dos sujeitos e nestes das épocas e ritmos biográficos. E quanto ao pensamento de Donald Davidson? A prática discursiva é produtora de sentido, mas será produtora de ação? O facto de o homem ser um ser discursivo define o seu sentido e posicionamento face à cultura em geral e à cultura do Outro, ao mesmo tempo que gera uma prática terapêutica, uma narrativa regeneradora que inclui o sentido sexual do social. A prática discursiva não cria e altera a realidade, mais do que a ação, mais do que o pensar e o imaginar? Quando chegamos ao fim da vida é que estamos aptos para viver? O saber tradicional

toma a sexualidade como algo central, no âmbito da brejeirice, uma códiço que é conquistado pelo ator por forma a vingar no mundo social e afirmar a dualidade, a ambivalência, do seu comportamento. É no meio deste jogo que ele vai definindo as suas opções sexuais e tentando decidir se quer ou não casar. Um comportamento demasiado masculino pode comprometer, pelo que o sujeito vai estudando a forma de melhor se realizar social-sexualmente. De modo, a sexualidade é qualquer coisa que está para além do biológico, é sentimentalmente social, e o sujeito tenta precaver-se da invasão de privacidade que é a internet e tudo o mais. Essa violência simbólica de um mundo fragmentado entre na mente pelos olhos e a sociedade torna-se um complexo de auto e alter vigilância perpétua, como um carrossel montado. A praticidade, por outro lado, tem que ver com qualquer coisa relacionado com responsabilidade social, obrigação? O teórico não é responsável socialmente?

2. A ESCRITA COMO REVOLTA

O escritor, normalmente está à parte da sociedade. Era assim na antiguidade clássica, assim na revolução francesa. É a escrita uma forma de se tornar eterno, como diria Grieg (“What price immortality”)? Assim sendo, o escritor, a não ser que esteja comprometido com o regime vigente, é um (ser) pária, um revoltado camusiano contra a guerra, contra a ordem das coisas. Talvez porque a expressão escrita seja eminentemente revolucionária, antes de se tornar conjurativa de uma nova ordem social. Enquanto todos trabalham para prover o imediato, o escritor põe em jogo a sua saúde, passando fome, correndo o risco de enlouquecer, quer seja na sua filosofia ou na sua astronomia. Mas isso são ideias já balizadas, já aceites e conhecidas. O próprio ato da escrita é de libertação, de terapêutica e o será a escrita, por exemplo, etnográfica, filosófica? Não visará toda e qualquer escrita ser inspiradora, catártica, terapêutica? Como o teatro grego, na origem? O facto de uma civilização ter deixado escrito o seu conhecimento

não terá que ver com uma certa consciência do Eu (coletivo, antes de mais) e, por arrasto, do Outro? Não será toda a escrita, do poético ao filosófico, um tentame de inscrição na sociedade, ou seja, de dizer “eu estou aqui, quero fazer parte”? Em vez de ser um esforço rebuscado que tem que ver com uma certa técnica, com uma certa herança, com um certa maneira intrínseca de ver as coisas e o mundo? Por outro lado, em termos do *dasein* banal do mundo do senso-comum, há quem aposte na erudição como forma de afirmação social, a fim de ganhar status e ser, de certa forma, um chefe, um demiurgo...Então, quais os objetivos da escrita? Vencer a práxis? Ser amigo dela, intérprete dela? Enquanto uns vêm a teórica e, logo a escrita, como um inimigo, porque ameaça o instante atual (prático), outros vêm nela uma aliada, não só porque a escrita eterniza o momento, eterniza o real, como garante a transmissão desse momento *ad generationem*...além do mero momento redentor da criação...

3. PARA UMA SINESTESIA E CONSENTANEIDADE ENTRE A ESCRITA E A ORALIDADE

E o que precede (*pós-cede*) a ação humana, o que é humano, a práxis ou a escrita? Nos dias de hoje já não teríamos de colocar estas questões, pois o diferendo entre escrita e oralidade já não se põe, sendo que a escrita é exclusiva da reflexão, da habitação e habitação subjetiva de certos lugares, mais ou menos científicos, mais ou menos românticos e bucólicos... Por vezes parece que o discurso desencadeia a ação, que os seres humanos não agem sem necessariamente ter antes pensado, ou seja, formulado qualquer equação lógica de um saber misturado com a experiência, seja biográfica seja literária, seja por ver fazer no trabalho com os outros.... A nossa argumentação ficaria logo por terra quando acreditássemos que a realidade atual, social, real (mesmo no sentido da *realpolitik*) é essencialmente guiada (guinada) por memes. Mas não, pertencemos à civilização da palavra e essa palavra descreve

mil imagens, pois ainda nos julgamos homens racionais, mais do que racionalistas. Assim, toda a filosofia é possível, antes de mais porque é explicativa, ou seja, hermenêutica, mesmo que não diga lugar algum ou tempo algum, ou personagem alguma, isso fica para a Geografia Humana, para a Psicologia, para a Literatura... Mas... não é possível romper essas fronteiras, como se *inde*-terminássemos o muro de Berlim? Claro que sim. Então, avancemos... Para que a palavra possa ser expelida, mesmo em termos da Antiguidade Clássica, é preciso um sentido do outro, uma empatia, um discernimento de que o outro, senão nos ama, pelo menos está recetivo a nossas palavras. Porque enunciar é arriscar, é partilhar sentindo o sentido que damos ao mundo, é estar e ser em comunidade, seja na aldeia seja na cidade... A realidade, espartilhada hoje, é a realidade do ontem, porque simplesmente, segundo Bauman e outros, ela não existe, existe o que sempre existiu, a conceção do Eu ante a realidade, sendo que esta é o modo como o sujeito a vê, a percebe, não podendo alienar-se de outras ideias que o cercam... Mas, não virá toda a pulsão da escrita de um reconhecimento do efêmero, da finitude, como se se tirasse uma cerveja à pressão num bar do Bairro Alto nos anos 80?... Pressa de viver, segundo diversos autores, desde Duvignaud a Marcel Mauss, desde a festa à festa nela o homem social, o homem total ante o fenómeno social total. A escrita é também isso mesmo, totalidade enquanto criação, por isso enquanto uns se especializam em literatura, outros em ficção, sendo que outros em filosofia, sociologia, antropologia, uns mantendo-se na mesma linha de pensamento, outros andando aos ziguezagues, como se não partilhassem a mesma identidade de uns... Assim, a prática é uma certa forma de teoria e vice-versa, ou seja, ambas pertencem ao domínio da interpretação (Ricoeur, Gadamer), ou seja, há um vaivém entre ambas que tem que ver com o posicionamento do sujeito ante o mundo e a relação que tem com outros sujeitos, conhecidos ou desconhecidos, nos termos de uma conceptualização dessa relação e partida para um concreção que não seja somente o texto.

4. THEORIA E PRÁXIS: FUSÃO OU CONTRADIÇÃO TÁCITA E TACITURNA

Um texto é eminentemente teórico? Não pode ser prático? Foi o antropólogo Jacques Goody quem estudou a diferença entre sociedades se escrita e as alfabetizadas, entre outros. De um lado, tínhamos sociedades primitivas (da atualidade) sem escrita, movidas pela transmissão oral (geracional) dos conhecimentos, gerais segundo a vivência no seu contextos e profissionais, caso se se mantivessem um certa forma de relação com o mundo do trabalho. Por outro lado, tínhamos as sociedades com escritas, literatas, talvez porque o desenvolvimento económico tivesse proporcionado tudo isso, um espaço para a reflexão e até a especulação, daí se gerando a dominância da ideia de intelectualidade, não só apenas em termos de seleção natural das mentes... Assim, a literatura, como (o texto em) ciência social, não é senão um produto extasiado do sujeito-actor social que é o cientista social, ou seja, também é ele, enquanto entidade e identidade subjetiva, um produto daquilo que provocou: factos sociais à-lá Comte e Durkheim. Essa cisão intelectual, académica, corresponde, de facto, à cisão entre atividades manuais e intelectuais dos tempos feudais, sendo que na civilização grega e romana não era tanto assim. O fazer foi perdendo o seu efeito, por isso o homem moderno, pós-moderno, hipermoderno, está ansioso de mostrar, de provar, por meio da efetividade, que não é somente matemática, é sobretudo social e esta prova está intimamente ligada à “aquisição” de mulheres, no sentido lévi-straussiano e semiológico da coisa... Eu não preciso da teoria, preciso de demonstrar na prática que sou digno de esposar uma mulher, afirmando a minha masculinidade na arena virtual, antes de mais...Por isso, a mulher nunca desposará o intelectual, nem pouco mais ou menos, porque ela prefere aquele que não sabe e que é moldável (como barro bíblico) aos seus intentos para o futuro a dois...Porque há o mito de que o intelectual não é competente nos termos sexuais, o que nos leva para a ideais de que a mulher prefere o falo, mas o falo sem dono, do simples popular mecânicamente

disponível, um boneco que não fala nem se excita com as diatribes, antes se ergue ante seu corpo que é nada senão objeto de desejo, como diria Baudrillard. É que o fazer, a praticidade, é antes de mais prova do Si-Mesmo ante o outro ou do Si-Mesmo que há no outro, sujeita a legitimação de modo a que o Eu (ou Ego), possa ser aceite nos termos de uma determinada ordem social mais ou menos compósita de sujeito alienados e criativos. Porque criativos, como Nietzsche, há poucos e aparecem de quando em vez na história das sociedades. Mas... estarão as pessoas cegas, imersas em determinismos socialmente condicionantes que não levam a lado algum? Não estamos do Século XXI? Se se discute quem quer casar com o agricultor, ou as oticamente efusivas incidências de um Big Brother, porque não se há-de discutir a liberdade e livre-iniciativa, para não falar já do livre-arbítrio?...

5. Conclusão

PONTO POR PONTO EM CONTRAPONTO LÓGICO

A atividade científica, sujeita a provas e verificação, deriva de uma tradição, de uma transmissão do saber, ponto por ponto, onde as teorias estão enlaçadas umas com as outras de forma a formar sistemas de pensamento. Na oralidade, seja ela campesina seja citadina, o sentido esvai-se nos vãos do pensamento, nas ruas estreitas e mal-cheirosas, palmilhadas por pensamentos estranhos, isto é, de outro lugar, enformando o que se chama de cosmopolitismo. Esta noção de vão, que tenho adiantado nos meus escritos, destina-se à manutenção de um lócus onde são permitidos pensamentos do inconsciente coletivo, por vezes animalescos, que não cabem na formalidade da cidade. São as coisas indizíveis que ao mesmo tempo fogem ao discurso formal e nele se inserem, ora por insistência, ora por pertinência conjuntural, seja por motivos económicos, seja por motivos existenciais ou linguísticos. Aliás, o que é o campesinato senão uma criação do romantismo e idealismo, poderia dizer, alemão do século dezanove? Mais tarde, Tagore escreveria “A Casa e o Mundo”, numa ideia que tem muito que ver com a *in-alcançável* lonjura da casa, da necessidade de a deixar de quando em vez para melhor a amar, sendo ela quase equivalente, em termos psicanalíticos, à própria esposa.

Podemos, chegados aqui, falar do que eu costumo chamar de “esplendor da teoria”, ou seja, por mais que questionemos uma visão igualitária entre práxis (prática) e teoria, essa relação deriva de um contingente histórico ancorado num vão do passado e que continua a ferver por dentro, como um cozido à portuguesa. Esse esplendor e esse vão constituem duas forças, quase motrizes, da produção filosófica, desde os antigos, poder-se-ia dizer. Além disso, o filósofo vive da reminiscência desses momentos, seja da caverna de Platão, seja do glorioso idealismo alemão, com Nietzsche e Kant, cada um à sua maneira. Outrossim, o mito do filósofo sem visão, cego, que vive das reminiscências de um mundo pouco conhecido.

Quando a filosofia é toda ela *olhar*, que filosofia se fará quando o filósofo ficar cego? Uma filosofia em arrasto, em segundo grau, dependente ou não de imagens...